



DESENVOLVIMENTO E MERCANTILIZAÇÃO DO FUTEBOL CHINÊS

Lucas Guedes Vilas Boas

Professor Adjunto do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Brasil

lucasguedes@cefetmg.br

Rafael Ávila dos Santos

Mestrando em Engenharia de Sistemas e Automação da Universidade Federal de Lavras, Brasil

rafael.santos05@hotmail.com

RESUMO – Após a morte de Mao Tsé-Tung e a abertura da economia chinesa ao modo de produção capitalista, diversas empresas multinacionais e transnacionais se instalaram em seu território, em função das vantagens locais, como a mão de obra abundante e barata, os incentivos fiscais e as frágeis legislações trabalhista e ambiental. Nas últimas décadas, a China experimentou expressivo crescimento econômico, com grande aumento de seu Produto Interno Bruto. O objetivo do artigo foi discutir a mercantilização do futebol chinês, o qual teve elevado crescimento dos investimentos financeiros realizados, sobretudo a partir do decênio de 2010. Os procedimentos metodológicos adotados no estudo foram a pesquisa bibliográfica e a análise documental. O futebol chinês ganhou notoriedade internacional nos últimos anos em virtude da contratação de renomados jogadores por vultosos montantes financeiros. Destacam-se também os investimentos realizados por multinacionais privadas estrangeiras e pelo Estado chinês em seu futebol, os quais contribuíram para o seu desenvolvimento.

Palavras-chave: Esporte; Mercadoria; Globalização.

DEVELOPMENT AND MERCANTILIZATION OF CHINESE SOCCER

ABSTRACT – After the death of Mao Zedong and the Chinese economy openness to the capitalist mode of production, several multinational and transnational corporations settled in its territory, due to the locational advantages, like the abundant and cheap workforce, the fiscal incentives and the labor and environmental fragile legislations. In the last few decades, China experienced expressive economic growth, with a large increase in its Gross Domestic Product. The purpose of the article was to discuss the mercantilization of Chinese soccer, which had large growth the financial investments carried out, especially from the 2010s. The methodological procedures adopted in the study were the bibliographic research and document analysis. Chinese soccer has gained international notoriety in recent years because of the hiring of renowned players for massive financial values. The investments made by foreign private multinationals and the Chinese State in its football stand out have also been done, whose contributed to its development.

Keywords: Sport; Merchandise; Globalization.

INTRODUÇÃO

De acordo com Marx (1983; 2008), o fetichismo da mercadoria é uma relação social entre pessoas mediada por coisas, a qual resulta na aparência de uma relação direta entre coisas e não entre pessoas. No processo em pauta, as mercadorias aparentam ter uma vontade independente de seus produtores. O fetichismo da mercadoria é inerente à sua produção, pois no bojo das sociedades capitalistas, o processo produtivo se autonomiza em relação à vontade dos homens e mulheres. Sob esse prisma, serão discutidas as causas da mercantilização e do recente crescimento financeiro do futebol chinês.

Destarte, o intuito do artigo foi estudar alguns dos aspectos geográficos concernentes ao recente crescimento do futebol chinês, cujos orçamentos apresentaram expressiva alta nos últimos anos. A mídia noticiou a contratação de jogadores de renome mundial pelos times chineses, os quais gastaram elevadas quantias financeiras nas negociações e no pagamento de descomunais salários aos atletas estrangeiros. Isto posto, almeja-se avaliar o processo de mercantilização do futebol chinês, o qual é escamoteado pelo fetichismo da mercadoria.

Assim, a pesquisa realizada intenta contribuir para as discussões teóricas concernentes à mercantilização do futebol nos tempos atuais. Ademais, pretende cooperar para a compreensão das transformações ocorridas na economia chinesa a partir do final do decênio de 1970 e do modo como tais mudanças reverberaram no recente crescimento do futebol chinês, cujos times dispõem de grandes orçamentos para a aquisição dos passes de atletas de prestígio internacional. O expressivo destaque conferido ao futebol chinês nos veículos midiáticos nos últimos anos em função das contratações efetuadas por elevadas cifras merece uma análise científica mais aprofundada, que vincule o fenômeno a um arcabouço teórico-metodológico.

Desta maneira, alguns dos objetivos do artigo são compreender, com base nas discussões teóricas acerca da mercadoria, o processo de mercantilização do futebol nos tempos hodiernos; e identificar e avaliar alguns elementos que explicam a ascensão financeira do futebol chinês a partir da década de 2000.

METODOLOGIA

Em consonância com Oliveira (2012), pode-se afirmar que a pesquisa teve caráter bibliográfico, com ênfase em referenciais teórico-metodológicos atinentes à financeirização da economia mundial, à noção de mercadoria, à economia chinesa e à sua abertura ao modo de produção capitalista. Para além, a análise documental – efetuada por intermédio da interpretação de informações e estatísticas oficiais acerca do futebol chinês, as quais constituem fontes primárias sobre o mote investigado (TRIVIÑOS, 1995) –, foi crucial ao estudo realizado. Sob essa perspectiva, a pesquisa possui caráter qualitativo, ambicionando uma abordagem estrutural e aprofundada da temática analisada.

DESENVOLVIMENTO

A abertura da economia chinesa ao modo de produção capitalista

Nos dizeres de Arrighi (2006) e Harvey (2009; 2011), uma das soluções encontradas para a Crise do Petróleo do decênio de 1970 foi a migração de capitais e investimentos para o Oriente, em especial a China, a qual experimentou um expressivo crescimento econômico, devido a alguns aspectos, como a venda de produtos de qualidade a preços irrisórios, o grande mercado consumidor, a mão de qualificada e os menores custos de produção (JABBOUR e CAPOVILLA, 2024).

Em suma, a Crise do Petróleo foi um momento de recessão econômica mundial ocasionada pelo aumento do preço dos barris de petróleo em escala global, causado pelos conflitos armados no Oriente Médio, como a Guerra do Yon Kippur, deflagrada em 1973. Com a elevação do valor venal do petróleo oriundo dos países do Oriente Médio, houve o aumento das despesas estadunidenses na aquisição do combustível fóssil. Destarte, iniciou-se um período de estagnação econômica nos Estados Unidos, reverberando na fuga de capitais em direção aos países orientais no final da década de 1970, a qual coincidiu com o término do governo de Mao Tsé-Tung e a abertura do mercado chinês (ARRIGHI, 2006; HARVEY, 2008).

No término do ano de 1978, Deng Xiaoping iniciou uma série de reformas econômicas. Seu governo se preocupou em modernizar a agricultura, a indústria, a ciência, a defesa e a educação. Também houve o incentivo à competição entre as empresas estatais, visando crescimento e desenvolvimento de novas tecnologias. Adiante, já na década de 1980, o país iniciou de fato o

processo de abertura de seu mercado para o exterior (HARVEY, 2008). A partir do decênio de 1980, o Estado chinês efetuou massivos investimentos na agropecuária, com o estímulo às atividades especializadas e o fornecimento de assistência técnica, reverberando em ganhos produtivos. O crescimento da produtividade não se restringiu à agropecuária, estendendo-se também às indústrias estatais (POMAR, 2003; 2015).

Assim, com o fim do regime implantado por Mao Tsé-Tung, a China abriu sua economia para o mercado externo, com o intuito de obter aparato tecnológico e recursos fundamentais para o fortalecimento de seu mercado interno e lograr crescimento econômico (ARRIGHI, 2006; HARVEY, 2008; 2011). O governo de Xiaoping aumentou a capacidade do Estado de ampliar a base material da sociedade, melhorar o Estado socialista e, conseqüentemente, tornar melhores as condições de vida da população. Durante seu mandato, surgiram propriedades públicas voltadas ao mercado, as quais representam a inserção do país na economia global, isto é, a mundialização da economia chinesa (JABBOUR e CAPOVILLA, 2024).

A partir de 1978, houve a abertura de sua economia aos investimentos estrangeiros e o começo das reformas no socialismo chinês, o qual se tornaria um “socialismo de mercado”. Entretanto, é importante sublinhar que a atração dos investimentos externos diretos (IEDs) para suas Zonas Econômicas Especiais (ZEEs) ocorreu mediante algumas condições, como o direcionamento da produção ao mercado externo e a transferência de altas e novas tecnologias para suas estatais. Isto é, tais medidas foram implementadas com o objetivo de que a chegada dos investimentos externos e das filiais ao seu território não reverberassem em prejuízos às suas indústrias (POMAR, 2003; 2015).

Segundo Harvey (2008), o Estado chinês seguiu o exemplo japonês, investindo em educação, ciência e tecnologia. Por conseguinte, impulsionou a migração de empresas e de seus esforços de pesquisa e desenvolvimento de tecnologias para o seu território. A criação do sistema de posicionamento global (GPS) chinês foi uma das conquistas que corroboram o investimento estatal nos ramos científicos mais tecnológicos. Destarte, muitas corporações investiram na China, em virtude de seus fatores locacionais privilegiados. Tais investimentos não foram oriundos apenas da Europa e da América do Norte, como também da própria Ásia, uma vez que o mercado chinês se fortaleceu nos setores de alta tecnologia e de *marketing*.

Harvey (2009) denomina o período posterior à crise da década de 1970 de acumulação flexível, no qual há dispersão geográfica, com a busca e o surgimento de novos nichos de mercado e de novas linhas de produção. Ratificando os dizeres do autor, a China é um exemplo nítido do auge do setor financeiro no mundo nos últimos anos, uma vez que sua economia foi profundamente financeirizada, algo perceptível por intermédio da análise da influência exercida pelos títulos, ações, investimentos futuros, entre outros capitais fictícios (HARVEY, 2011).

Apesar da financeirização, a China se destaca contemporaneamente como uma potência industrial mundial em ascensão, enquanto os Estados Unidos vivenciaram um intenso processo de desindustrialização, o qual atingiu drasticamente alguns municípios, como Detroit. No entanto, o país ainda é muito influente nas finanças em escala global, pois detém a moeda padrão das trocas comerciais mundiais, além de ser o Estado com maior poder dentro das instituições financeiras internacionais, como o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional (ARRIGHI, 2006; HARVEY, 2009; 2011).

A atual crise econômica, a qual afetou intensamente a economia dos Estados Unidos e de vários países da União Europeia, promoveu a fuga de empresas e capitais para o Oriente, mormente a China. No tocante ao assunto, salienta-se que o modo de produção capitalista utiliza a expansão geográfica para a aplicação dos excedentes de capital nos momentos de recessão (HARVEY, 2011). Nos tempos recentes, diversos países redirecionaram suas exportações em direção ao território chinês, sobressaindo-se alguns Tigres Asiáticos, como Taiwan, Hong Kong, Cingapura e Coreia do Sul, os quais se destacaram em virtude da produção de automóveis e artigos tecnológicos, como computadores e eletroeletrônicos (AMBROZIO, 2011).

Conforme advoga Harvey (2009), com a hegemonia do modo de produção capitalista, há uma tendência durante os períodos de crise. Nos momentos de recessão, o capitalismo promove uma dispersão geográfica das áreas de acumulação do capital, direcionando o capital excedente para outros pontos da superfície terrestre. Portanto, a fuga para o Oriente, especialmente a China, indica a realocação do capital excedente do mercado imobiliário estadunidense para o continente asiático. Entretanto, a economia chinesa não saiu ilesa da estagnação econômica global. Como consequência da crise hipotecária nos Estados Unidos e da recessão econômica na União Europeia, houve diminuição temporária da demanda dos países desenvolvidos pelas mercadorias oriundas das empresas chinesas.

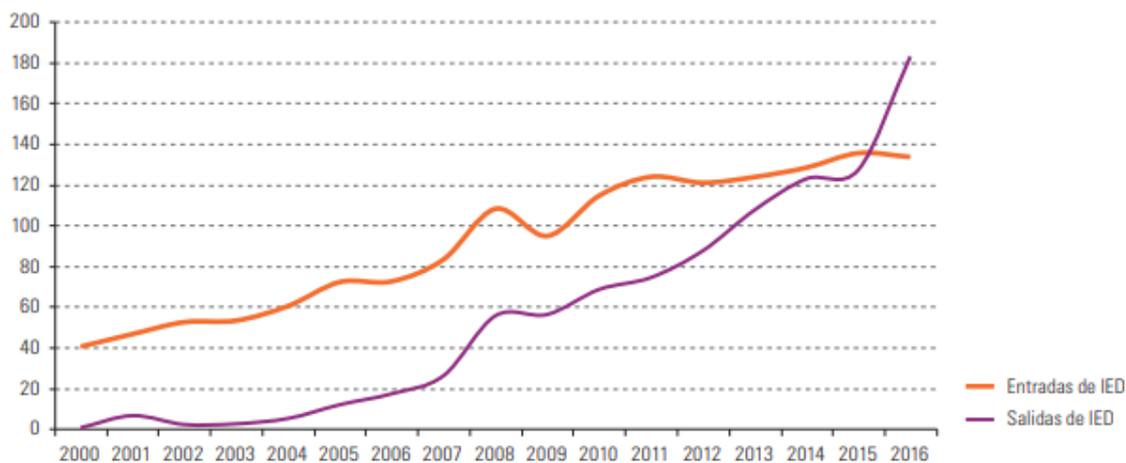
Como resposta ao momento de crise econômica mundial, o Estado chinês desenvolveu sua indústria quaternária e expandiu e diversificou seu setor terciário, sobretudo com investimentos na prestação de serviços (RIBEIRO, 2018). Ele também implantou um pacote fiscal e iniciou milhares de projetos desenvolvidos por quase cem conglomerados empresariais estatais, medidas que geraram emprego e renda para sua população em um momento de grave recessão econômica global (JABBOUR e GABRIELE, 2021).

A chamada “Nova Economia do Projeto” (NEDP) foi uma das respostas da China à recessão de 2008 e à crise gerada pela pandemia de Covid-19. Na economia de projeto chinesa, o Estado intervém profundamente na economia, promovendo sua planificação e a organização da produção em grande escala. Deste modo, molda o trabalho de diversos profissionais, atores e instituições com o objetivo de solucionar as demandas sociais, de maneira que haja o desenvolvimento de tecnologias e projetos estratégicos para minimizar os problemas sociais e melhorar as condições de vida da população. Ademais, o Estado chinês arquitetou núcleos produtivos e financeiros dotados de capacidade para fomentar os projetos estratégicos (JABBOUR e GABRIELE, 2021; JABBOUR E CAPOVILLA, 2024). A economia de projeto corresponde a um nível mais avançado da sociedade, no qual a racionalização e o planejamento da produção são maximizados por meio das deliberações e das ações governamentais (JABBOUR E GABRIELE, 2021).

De acordo com Baptista (2017), a China alcançou o posto de segunda maior origem de investimentos externos diretos no mundo, atrás somente dos Estados Unidos. Tal conjuntura atesta que o país não é apenas um grande receptor de capitais e filiais de empresas multinacionais e transnacionais, mas suas empresas também efetuam seus investimentos em diversos países mundo afora. A circulação dos IEDs oriundos da China passou de US\$ 830.000.000 em 1990 para US\$ 183.000.000.000 em 2016, conforme evidencia a Figura 1, extraída da publicação da CEPAL (2017).

Destarte, pode-se afirmar que, em aproximadamente três décadas, a China abandonou o posto de exportadora de produtos primários ou industriais de baixo valor agregado para ocupar a posição de produtora de mercadorias de alto valor agregado e de elevado grau tecnológico. As reformas promovidas pelo Estado contribuíram para a alteração da estrutura econômica nacional, uma vez que houve significativo crescimento da participação dos setores secundário e terciário no Produto Interno Bruto (PIB). Essas mudanças refletiram positivamente em seu PIB e na balança comercial, colaborando para o desenvolvimento econômico nacional. No século XXI, o Estado chinês conseguiu manter expressivas taxas de crescimento econômico, pautando suas ações em investimentos em indústria pesada, infraestrutura e urbanização. Para viabilizar a construção de indústrias e de infraestrutura energética e viária, o país aumentou a procura no mercado internacional por matérias-primas, especialmente minerais, como ferro e cobre; e fontes energéticas, como o petróleo (RIBEIRO, 2018; JABBOUR e GABRIELE, 2021).

Figura 1. Fluxos de investimentos externos diretos na China entre 2000 e 2016 (em milhões de dólares)



Fonte: CEPAL (2017).

A respeito da infraestrutura viária, houve rápido crescimento da malha ferroviária do país, o qual foi acompanhado da melhoria de sua qualidade. O Estado chinês realizou grandes investimentos em ferrovias de alta velocidade, tanto em trens urbanos, quanto em linhas interurbanas (POMAR, 2015; JABBOUR E CAPOVILLA, 2024).

O crescimento da urbanização chinesa nos últimos anos aconteceu sem que houvesse aumento da periferização urbana e da favelização, algo característico de países capitalistas emergentes, como Índia e Brasil (JABBOUR e GABRIELE, 2021; JABBOUR E CAPOVILLA, 2024). A respeito do tema, salienta-se que expressivos montantes financeiros foram aplicados no setor habitacional a partir do decênio de 2010 (POMAR, 2015).

A China apresentou vultoso crescimento médio anual de seu Produto Interno Bruto (PIB) nos últimos quatro decênios, com aumento da participação e do controle governamental no PIB nas últimas décadas (JABBOUR e DANTAS, 2017; 2020; JABBOUR e GABRIELE, 2021). Seu crescimento econômico ocorreu concomitantemente à expressiva redução da fome e da pobreza. O Estado chinês exerce papel crucial na circulação e na distribuição da renda, das mercadorias e da propriedade dos meios de produção, característica que o diferencia substancialmente de outros Estados, como os capitalistas (POMAR, 2003; 2015).

Jabbour e Dantas (2017; 2020) explicam que a China possui uma economia de mercado, mas não como nos países capitalistas, uma vez que há muitos e importantes conglomerados empresariais estatais e o Estado atua intensamente no setor financeiro. No tocante ao assunto, Jabbour e Capovilla (2024) mostram que a partir dos anos 1990 há a criação dos Grandes Conglomerados Empresariais Estatais (GCEE), os quais promovem a fusão entre o sistema bancário e o industrial em território chinês.

Jabbour e Dantas (2017; 2020) afirmam que o “socialismo de mercado” chinês, especialmente após 2009, já pode ser considerado uma nova formação econômico-social, a qual é complexa e abriga a existência simultânea de diferentes e contraditórios modos de produção. Recentemente, houve significativo aumento da participação de empresas estatais na aquisição de ações de empresas privadas (JABBOUR e GABRIELE, 2021; JABBOUR e CAPOVILLA, 2024).

Destarte, o Estado possui profundo controle direto e indireto dos meios de produção, fato que reverbera em relações sociais de produção distintas em relação às do modo de produção capitalista. O Estado chinês centraliza a grande produção, é mais atuante em termos quantitativos e qualitativos, bem como controla fatores estrategicamente objetivos da economia. Apesar de existirem capitalistas com propriedade privada dos meios de produção e significativa concentração de renda e riqueza, não têm poder ou magnitude suficientes para efetivamente constituírem uma classe hegemônica e dominante, como é a burguesia nos países capitalistas (JABBOUR e DANTAS, 2020; JABBOUR e CAPOVILLA, 2024).

As ações do Estado chinês buscavam o crescimento da produtividade do trabalho, por meio do desenvolvimento das forças produtivas e da tecnologia, com o objetivo de superar os países capitalistas hegemônicos. Assim, a partir de 2006, ampliou-se o fomento à inovação tecnológica, com robustas cifras investidas em novas e modernas tecnologias (JABBOUR e GABRIELE, 2021; JABBOUR e CAPOVILLA, 2024).

Desenvolvimento econômico e a mercantilização do futebol

Desde o advento dos primeiros campeonatos oficiais de futebol, há uma amálgama entre disseminação do futebol e desenvolvimento econômico, pois as primeiras cidades em que o esporte foi difundido experimentavam processos de industrialização e momentos de pujança econômica. Nos últimos decênios do século XIX, o futebol se disseminou da Inglaterra, principal centro econômico do período, em direção às cidades industriais e portuárias do continente europeu, visto que os marinheiros, mineiros e técnicos industriais ingleses praticavam o desporto em seus momentos de folga. A respeito do assunto, a hegemonia econômico-industrial da Inglaterra ao término dos oitocentos favoreceu a propagação de alguns esportes modernos, como o futebol (MASCARENHAS, 2000).

Ademais, a precária condição de vida da maioria dos ingleses após a Primeira Revolução Industrial motivou vultosos movimentos migratórios rumo a outros países europeus, intensificando as trocas culturais e colaborando para a difusão do futebol. Corroborando a relação entre desenvolvimento econômico e a adoção da prática do futebol, no panorama espanhol, os primeiros centros futebolísticos do país foram Barcelona, Bilbao, Huelva e Madri, os quais constituíram alguns dos primeiros núcleos industriais da Espanha (MASCARENHAS, 2000; 2001).

A maioria dos times europeus constituídos no século XIX foi fundada por ingleses (MASCARENHAS, 1999; 2002). Além disso, salienta-se que o movimento imperialista dos países europeus no final dos oitocentos e no início dos novecentos promoveu a disseminação do desporto para diversas colônias, sobretudo na África e na Ásia. Apesar das resistências culturais e religiosas a uma prática oriunda do Ocidente, o futebol conseguiu significativa adesão principalmente em países do Norte da África (VILAS BOAS, 2017). Mascarenhas (2002) observa que a difusão do futebol acompanhou a industrialização e que o esporte foi usado, durante o final do período oitocentista e o início do século XX, para a submissão da classe operária, corroborando o uso político-ideológico do desporto.

Hodiernamente, os investimentos efetuados por grandes corporações multinacionais e transnacionais, o alto preço venal dos ingressos, os robustos patrocínios, as elevadas premiações e os monopólios nos direitos de transmissão são características que evidenciam a inserção do futebol no circuito superior da economia, o qual possui como singularidades o elevado capital aplicado, a fixidez dos preços, o emprego de ações publicitárias, a dependência em relação ao mercado externo, a integração com o setor bancário, os altos rendimentos, a alta tecnologia empregada, a burocracia e a racionalidade na administração, na organização e nas transações comerciais, entre outras. No tocante ao assunto, cabe frisar que os circuitos superior e inferior da economia urbana se inter-relacionam e suas atividades reiteradamente acontecem em áreas próximas ou nos mesmos locais. Entretanto, apesar das relações entre ambos os circuitos, o circuito superior é hegemônico na esfera econômica internacional, favorecendo a exploração e a intensificação do trabalho, sobretudo no circuito inferior (SANTOS, 1977; 2008).

A despeito do crescimento do futebol na economia formal, o esporte movimentou o circuito inferior da economia, associando-se a atividades informais, como o comércio ambulante nas imediações dos estádios, a comercialização de itens não oficiais das equipes, a revenda ilegal dos ingressos efetuada pelos cambistas, entre outras (MASCARENHAS, 2002; VILAS BOAS, 2017). Todas as atividades mencionadas se situam no circuito inferior da economia e constituem fontes de renda e trabalho para milhões de pessoas no mundo, assegurando a subsistência de

suas famílias. Em geral, são trabalhos temporários, caracterizados pela instabilidade e pelos baixos rendimentos, uma vez que o circuito inferior é marcado pelo capital não intensivo, excessiva carga de trabalho, organização usualmente rudimentar, negociação dos preços através da pechincha e da barganha, pessoalidade nas relações entre comerciantes e consumidores, diminuta dimensão das transações, vendas a varejo, entre outros aspectos. Malgrado os diminutos preços das mercadorias comercializadas, os produtos do circuito inferior são consumidos por várias classes sociais, explicando parcialmente o sucesso de seus empreendimentos (SANTOS, 1977; 2008).

Especialmente a partir do decênio de 1990, algumas equipes de futebol, dentre as quais se destacam os principais times europeus, tornaram-se empresas capitalizadas, cujas ações são negociadas nas Bolsas de Valores. A inserção dos times, sob a forma de ativos, no mercado financeiro gerou grande lucratividade para diversos investidores. No entanto, a crise do euro, cujo ápice ocorreu entre os anos de 2008 e 2009, promoveu a desvalorização das ações das equipes europeias nas Bolsas de Valores. Devido à recessão econômica, muitos clubes retiraram suas ações da bolsa (PRONI e LIBANIO, 2016).

Mercadoria e o processo de mercantilização

Para a compreensão das principais características relativas à mercantilização do futebol chinês, é necessária uma breve revisão conceitual acerca da mercadoria. Segundo Marx (1983; 1984; 2008), o modo de produção capitalista se baseia na produção de mercadorias, as quais constituem objetos externos aos homens e mulheres, satisfazendo suas necessidades. Todas as mercadorias possuem duplicidade de valor, isto é, têm valor de uso e valor de troca. O valor de uso de determinada mercadoria se refere à sua utilidade, a qual depende de sua composição, ao passo que o valor de troca concerne à proporção de troca entre diferentes valores de uso.

Assim, o valor de troca é uma relação dada entre duas ou mais mercadorias e consegue “equivaler” quantitativamente mercadorias de diferentes valores de uso, estabelecendo uma forma de troca entre elas por meio dessa proporção. Sob esse prisma, o valor de troca pode ser dado através da troca direta entre as mercadorias ou por intermédio de uma terceira substância que iguale todas as mercadorias de maneira universal, a qual é materializada, atualmente, através do dinheiro, forma equivalente geral da mercadoria. Por conseguinte, nos tempos hodiernos, a forma dinheiro monopoliza a expressão do valor das mercadorias (MARX, 1983; 2008).

O valor de troca é determinado pelo tempo de trabalho socialmente necessário à produção de uma mercadoria. No modo de produção capitalista, o valor de troca se sobressai ante o valor de uso. Destarte, as mercadorias são diferenciadas apenas pelo seu valor de troca, desconsiderando aspectos qualitativos, como os processos de produção e as relações de trabalho. No panorama em questão, a mão de obra é mercantilizada, uma vez que o valor dos trabalhadores perante os proprietários dos meios de produção é mensurado através de sua capacidade produtiva e do *quantum* de lucro que podem gerar por intermédio de seu trabalho. Além disso, a conversão dos objetos em mercadorias escamoteia a exploração típica das relações e processos capitalistas de trabalho e de produção, promovendo a alienação e o estranhamento do trabalho e da produção (MARX, 1983; 1984).

A ascensão e a mercantilização do futebol chinês

A aquisição de equipes futebolísticas por empresários de diversos países, cuja renda possui origem muitas vezes duvidosa, evidencia o caráter mercantil e global assumido pelo desporto nos tempos recentes. Os exorbitantes salários de alguns futebolistas corroboram a inflação experimentada pelo futebol, com importante participação do futebol chinês, o qual contratou jogadores por elevados valores monetários e paga remunerações milionárias a alguns atletas

(PRONI e LIBANIO, 2016). Sob essa perspectiva, ressalva-se que a mercantilização atingiu o futebol em escala mundial, não apenas em solo chinês, convertendo o desporto em mercadoria.

Gradativamente, os patrocinadores assumiram a gestão das equipes de futebol, empreendendo por meio de investimentos, campanhas publicitárias, construção de estádios, entre outras ações. Através dos meios de comunicação e da divulgação midiática, as empresas patrocinadoras valorizam sua marca e se fortalecem, colaborando para a mercantilização do futebol (PRONI e LIBANIO, 2016). No tocante ao assunto, Vilas Boas (2017, p. 82) afirma que:

Atualmente, com a hegemonia do modo de produção capitalista, o trabalho é pautado no assalariamento e os esportes são permeados por estratégias que visam o consumo, seja no local do evento ou por intermédio dos veículos midiáticos. No panorama recente, a economia neoliberal favoreceu a ação das corporações multinacionais e transnacionais nos esportes, as quais patrocinam times e seleções, monopolizam direitos e cotas de transmissão, assegurando exclusividade sobre os campeonatos.

Com base no excerto em destaque, pode-se afirmar que as ações publicitárias estão intimamente associadas à mercantilização dos desportos em escala mundial, pois as empresas atuantes nos mais variados esportes utilizam a mídia para divulgarem seus produtos e estimularem o consumo dos mesmos. A partir do decênio de 2000, grandes emissoras internacionais manifestaram interesse na transmissão da *Chinese Super League*, especialmente em virtude do crescimento do campeonato e da presença de renomados atletas estrangeiros, pois entreviram a possibilidade de maximização dos lucros no mercado futebolístico chinês (HUANG e BREWER, 2007). Ademais, a China possui diversas empresas multinacionais que atuam no setor de telecomunicações e, principalmente, nas transmissões e divulgações esportivas (CONNELL, 2018).

Para Mascarenhas (2000), países nos quais o futebol se propagou nos anos recentes, como a China e o Japão, têm o esporte sendo incentivado e planejado por grandes empresas, diferentemente do caráter relativamente espontâneo que a difusão do futebol apresentou nos países europeus há aproximadamente um século. O autor também afirma que os meios de comunicação favoreceram a popularização do futebol. Tal fenômeno é nítido na conjuntura chinesa, pois a ampla divulgação na mídia, aliada aos patrocínios milionários de empresas estatais e multinacionais, promoveu a disseminação e a valorização do futebol chinês em âmbito internacional.

Nos dizeres de Connell (2018), a grande população e o interesse cada vez maior nos esportes tornaram a China um interessante mercado para as redes de telecomunicações e as corporações atuantes no setor esportivo. Deste modo, o país mais populoso do planeta possui um vultoso mercado consumidor apto a adquirir as mercadorias associadas às práticas esportivas, sobretudo o futebol, cuja disseminação, desde o final do século XIX, esteve associada ao desenvolvimento e ao poderio econômico.

Antes da profissionalização do futebol chinês, as maiores equipes chinesas eram administradas pelas Comissões de Esportes e Educação Física (PESCs), as quais estavam distribuídas pelo território nacional e vinculadas ao Estado. No ano de 1995, um decreto presidencial instituiu a separação entre controle estatal e administração dos esportes. Isto é, doravante a promulgação da norma, o gerenciamento dos desportos em solo chinês não era mais responsabilidade estatal, mas incumbência de empresas privadas (HUANG e BREWER, 2007; LIANG, 2014).

Após a profissionalização, os patrocínios se tornaram a principal fonte de receitas das equipes chinesas. Dentre os doze times que disputavam o principal campeonato do país em 1994, onze estabeleceram profícuos acordos com os patrocinadores. Isto posto, o futebol foi o primeiro esporte que conseguiu maior autonomia em relação ao Estado na China, especialmente em virtude do modelo empresarial de gestão assumido pelos dirigentes dos clubes chineses. Após o término do controle das PESCs sobre o futebol nacional, o interesse econômico suprimiu o político (LIANG, 2014; CONNELL, 2018).

No início do decênio de 2000, o governo chinês promoveu diversas ações de *marketing* com o objetivo de popularizar a *Chinese Super League* (CSL), o principal campeonato nacional de

futebol (HUANG e BREWER, 2007; GONG et al., 2015). Cabe sublinhar, em consonância com Harvey (2008), que o Estado chinês promoveu várias ações midiáticas, especialmente desde o início dos anos 1990, para a atração de investimentos econômicos externos e de filiais de multinacionais. Deste modo, pode-se afirmar que as estratégias de *marketing* já são realizadas pelo Estado chinês há algum tempo e nos mais variados setores.

Em 1994, houve o primeiro campeonato profissional de futebol em âmbito nacional da China. A despeito de experimentar um período inicial de popularidade, o campeonato chinês de futebol perdeu credibilidade perante o público em virtude de diversos escândalos de corrupção e venda de resultados. Doravante a criação da CSL em 2004, houve a descentralização da administração do futebol chinês. Isto é, o domínio estatal foi reduzido e, conseqüentemente, a mídia conseguiu maior liberdade para cobrir os eventos futebolísticos do país (HUANG e BREWER, 2007; LIANG, 2014; PIRAUDEAU, 2018; CONNELL, 2018).

Com a profissionalização e a privatização do futebol chinês, os atletas perderam a estabilidade em seus cargos, visto que a maioria dos contratos assinados tem duração de um ou dois anos. Tal processo colocou jogadores e dirigentes ou proprietários em lados opostos, estabelecendo uma divisão entre o patronato e seus contratados assalariados, pois enquanto os futebolistas normalmente procuram elevadas remunerações, os investidores almejam êxito nos torneios disputados e, principalmente, a maximização de seus rendimentos (LIANG, 2014).

Devido a algumas contendas entre jogadores e seus respectivos times em decorrência de atrasos no pagamento dos salários, em 2003, a Associação Chinesa de Futebol (CFA) determinou o limite máximo de 55% para as despesas das equipes com as remunerações dos atletas e da comissão técnica. A deliberação minorou as transferências muito onerosas e os desconumais salários por um breve período. No entanto, a partir de 2012, os clubes chineses voltaram a contratar jogadores por elevados montantes financeiros (LIANG, 2014).

Ainda no domínio esportivo, as Olimpíadas de 2008, realizadas em Pequim (*Beijing*), apresentaram o maior gasto com infraestrutura dentre todos os Jogos Olímpicos, com custo total estimado em US\$ 6.500.000.000, cumprindo o planejamento estatal. A verba despendida para a construção de instalações físicas e para os setores de transportes e energia comprova que o investimento chinês para se tornar uma potência esportiva mundial não se restringe somente ao âmbito do futebol (HARVEY, 2008; GIULIANOTTI, 2015; MIN, 2016; YAMAWAKI, 2017). Giulianotti (2015), Min (2016) e Leite Júnior e Rodrigues (2017) defendem que o êxito da China nas Olimpíadas de Pequim, edição em que o país conquistou a primeira colocação no quadro de medalhas, é explicado pela efetivação de um programa direcionado ao esporte de alto rendimento nas décadas de 1990 e 2000. No tocante ao assunto, Min (2016) e Connell (2018) explicam que o sucesso de um evento esportivo, como as Olimpíadas, fortalece o status e o prestígio de um país, tanto em âmbito interno, quanto em escala mundial.

No tocante à gestão do futebol nacional, a CSL é administrada pela *Chinese Super League Company (CSLC)*, cujos acionistas são a CFA (a qual possui 36% da companhia) e as dezesseis equipes da liga (cujo percentual de ações equivale a 64%). Os lucros auferidos pela CSLC são distribuídos igualmente entre os dezesseis times da primeira divisão, enquanto 10% dos rendimentos são destinados à CFA. De modo geral, os pequenos clubes são favoráveis à divisão igualitária dos dividendos obtidos pela empresa, sobretudo em virtude de seu diminuto capital. Já as equipes de maior porte criticam o sistema de distribuição dos lucros, pois acreditam que conseguiriam ampliar seus ganhos com uma gestão mais descentralizada e a instauração de acordos que lhes fossem mais rentáveis. Sob esse prisma, é quase unanimidade entre os proprietários das equipes que a CFA poderia colaborar mais com os times, principalmente em aspectos vinculados aos treinamentos e à administração (LIANG, 2014).

Em 2010, a CFA instituiu várias ações em combate à combinação de resultados no futebol chinês, culminando na prisão de aproximadamente sessenta pessoas, dentre as quais figuravam funcionários da própria associação, árbitros, investidores de algumas equipes e ex-jogadores. Um dos times envolvidos no imbróglio foi o *Guangzhou Evergrande*, o qual foi punido no ano

de 2010 com o rebaixamento para a segunda divisão. Aproveitando-se da má situação do time, as corporações *Evergrande Real Estate Group* e *Alibaba* adquiriram a equipe (CONNELL, 2018; PIRAUDEAU, 2018).

No ano de 2011, visando combater as fraudes e a corrupção no futebol, problemas que atravancaram o desenvolvimento do desporto em seu território, o Estado chinês iniciou uma nova fase do futebol profissional do país, a qual vem obtendo grande sucesso nos tempos recentes (LEITE JÚNIOR e RODRIGUES, 2017; CONNELL, 2018; PIRAUDEAU, 2018). No tocante ao assunto, Huang e Brewer (2007) e Gong et al. (2015) afirmam que os problemas relativos à administração, os inúmeros casos de corrupção e as fraudes minoraram a credibilidade do campeonato nacional e de seus gestores perante os fãs de futebol no país.

Segundo D'Amico (2016) e Leite Júnior e Rodrigues (2017), a China lançou em abril de 2016 um plano de desenvolvimento do futebol a médio e longo prazo que abarcará o íterim compreendido entre os anos de 2016 e 2050. A intenção do planejamento estatal é tornar o país uma potência futebolística em âmbito mundial. O programa possui três principais metas: 1 - a classificação para uma edição da Copa do Mundo organizada pela Federação Internacional de Futebol (FIFA); 2 - sediar uma Copa do Mundo e; 3 - a conquista do título da Copa do Mundo.

No rol dos objetivos estabelecidos pelo programa estatal chinês, destacam-se a fundação de vinte mil escolas especializadas de futebol até 2020 e a construção de setenta mil campos para a prática do desporto. Até o ano de 2030, as expectativas são que a seleção masculina seja a melhor da Ásia, a seleção feminina se consagre como uma das melhores do mundo e existam cinquenta mil escolas de futebol especializadas no país. Já para 2050, as metas são que a seleção figure entre as vinte melhores do mundo segundo o *ranking* da FIFA, a CSL esteja entre os cinco principais campeonatos nacionais do planeta e a conquista do título da Copa do Mundo (LEITE JÚNIOR e RODRIGUES, 2017; CONNELL, 2018).

Para alcançar tais objetivos, o Estado chinês criou estratégias para estimular as crianças a seguirem a carreira de atleta profissional, como os incentivos à prática de futebol nas aulas de educação física e a formação de diversos treinadores na respectiva área. Assim, o governo almeja que até 2050, entre 30 e 50 milhões de estudantes do ensino secundário pratiquem o esporte. Além disso, firmou diversas parcerias com a iniciativa privada. Assim sendo, o governo não intervirá diretamente no mercado e nas indústrias do setor esportivo, mas fornecerá toda a infraestrutura necessária para o crescimento do setor no país (LEITE JÚNIOR e RODRIGUES, 2017; PIRAUDEAU, 2018).

Diversas corporações privadas, como a *Dalian Wanda Group* e a *Evergrande Real Estate Group*, efetivam investimentos no futebol chinês e em outros países. A título de exemplo, a *Suning Commerce Group* detém a posse do *Jiangsu Suning*, enquanto a *Alibaba* e a *Evergrande Real Estate Group* são proprietárias do *Guangzhou Evergrande*, heptacampeão consecutivo do campeonato chinês no setênio 2011-2017. Uma das razões do sucesso da equipe nos últimos anos reside no fato de as empresas injetarem quantidades robustas de capital no time, assegurando o pagamento de remunerações vultosas aos atletas e a aquisição de jogadores por valores assombrosos (D'AMICO, 2016; LEITE JÚNIOR e RODRIGUES, 2017; CONNELL, 2018).

No ano de 2018, a organização *Soccerex* (SOCCEREX, 2018) publicou um estudo mensurando o poderio financeiro dos principais clubes em escala internacional, considerando os ativos fixos (como centros de treinamento, estádios e outros imóveis sob a propriedade do time), o valor de mercado de cada elenco, a dívida líquida (indicador que mensura se a empresa possui capacidade de quitar suas dívidas e encargos através de seus ativos), o potencial de investimento do (s) proprietário (s) e o capital armazenado nos bancos. Entre os cem times com maior poder econômico, nove integram a CSL, com destaque para o *Guangzhou Evergrande*, que ocupava a quarta posição na listagem da instituição, principalmente em virtude do potencial de investimento de seus proprietários.

Várias multinacionais chinesas estão adquirindo equipes em todo o planeta. Nos últimos anos, a companhia *Suning Commerce Group* comprou o afamado time italiano *Inter de Milão*, enquanto o *Rastar Group* adquiriu 54% do *Espanyol* e a *China Energy Company (CEFC)* comprou 59% do clube tcheco *Slavia Praga*, entre outros casos divulgados pelos veículos midiáticos. No rol dos times adquiridos parcial ou integralmente por investidores chineses, ainda se pode destacar o italiano *Milan*, os ingleses *Aston Villa*, *West Bromwich Albion*, *Reading* e *Wolverhampton*, os franceses *Sochaux* e *Lyon*, o espanhol *Málaga* e o holandês *Ado Den Haag* (LEITE JÚNIOR e RODRIGUES, 2017; CONNELL, 2018; SOCCEREX, 2018; PIRAUDEAU, 2018).

Nos últimos anos, o futebol chinês se destacou no cenário internacional pela contratação de renomados atletas e técnicos por elevadas cifras. Dentre os afamados jogadores adquiridos pelos clubes chineses a partir do ano de 2010, destacam-se os casos de Dario Conca, Didier Drogba, Demba Ba, Gervinho, Paulinho, Ramires, Asamoah Gyan, Alex Teixeira, Jackson Martínez, Renato Augusto, Givanildo Hulk, Oscar, entre outros. Já na relação dos técnicos que recentemente dirigiram equipes chinesas, merecem realce os nomes de Fabio Capello, Luis Felipe Scolari, Manuel Pellegrini, Sven-Göran Eriksson, André Villas-Boas, Gustavo Poyet e Marcello Lippi (CONNELL, 2018). Corroborando o crescimento recente da aquisição de atletas estrangeiros pelas equipes chinesas, a Figura 2 mensura o número de jogadores brasileiros e estrangeiros no futebol chinês entre os anos de 1994 e 2016.

Figura 2. Presença de jogadores brasileiros e estrangeiros nos 16 clubes que disputavam a Chinese Super League no íterim 1994-2016

Fonte: PIRAUDEAU (2018).

Com base nos dados da figura 2, observa-se que a presença de jogadores brasileiros no futebol chinês teve notório aumento a partir das temporadas 2007 e 2008, com seu ápice no ano de 2012, seguindo a curva de crescimento apresentada pela quantidade de atletas estrangeiros na CSL. A intensificação da chegada de jogadores nascidos em outros países ao futebol chinês foi consequência dos investimentos financeiros realizados e, principalmente, das elevadas remunerações pagas. No tocante ao assunto, Liang (2014) sublinha que os salários dos atletas chineses aumentaram de 1000% a 2000% entre 1994 e 2014. Doravante o decênio de 2010, vários torneios amistosos internacionais foram realizados em solo chinês e alguns clubes estrangeiros fizeram suas pré-temporadas no país. Especialmente a partir de 2013, diversas equipes europeias começaram a considerar o poderio financeiro chinês como uma ameaça ao domínio europeu no futebol internacional (CONNELL, 2018).

De acordo com dados da FIFA, somente na janela do meio do ano de 2016, os times chineses gastaram US\$ 298.000.000 na compra de jogadores. Somente a aquisição de Givanildo Hulk,

atleta brasileiro vindo do *Zenit São Petersburgo*, custou aproximadamente € 55.000.000 aos cofres do *Shanghai SIPG* (LEITE JÚNIOR e RODRIGUES, 2017). Já em dezembro de 2016, o próprio *Shanghai SIPG* contratou o brasileiro Oscar, vindo do *Chelsea*, por € 70.400.000. A negociação do atleta foi uma das quinze transferências mais caras da história do futebol mundial (CONNELL, 2018). Corroborando o expressivo número de esportistas brasileiros no rol dos estrangeiros que atuaram no futebol chinês, a Figura 3 mostra a quantidade de jogadores estrangeiros que representaram os clubes chineses entre 1994 e 2016.

Figura 3. Quantidade de jogadores estrangeiros por país que atuaram nos 16 clubes que disputaram a Chinese Super League na temporada 2016 no período 1994-2016

Fonte: PIRAUDEAU (2018).

Entre 1994 e 2016, cento e treze brasileiros atuaram nos dezesseis clubes que concorreram ao título da primeira divisão chinesa. A respeito do assunto, o Brasil é o país com mais estrangeiros que atuaram no futebol chinês no íterim analisado, com aproximadamente 19% do total dos atletas nascidos em outro país. A quantidade de brasileiros que disputaram a CSL no período em questão é superior à soma do número de atletas sérvios, australianos e sul-coreanos que jogaram a competição.

Ratificando a evolução do futebol chinês no cenário continental após as recentes mudanças decorrentes dos elevados investimentos financeiros e da chegada de jogadores estrangeiros, o *Guangzhou Evergrande*, octacampeão nacional entre 2011 e 2019, conquistou o título da Liga dos Campeões da Ásia em 2013 e 2015, credenciando-se para a disputa do Mundial de Clubes organizado pela FIFA (GIULIANOTTI, 2015; D'AMICO, 2016; CONNELL, 2018). O poderio financeiro da equipe, cujos proprietários são corporações de atuação global, auxilia na compreensão das razões de seu sucesso no âmbito futebolístico. Sublinha-se que o patrimônio dos proprietários dos nove maiores times chineses supera a marca de € 75.000.000.000 (SOCCEREX, 2018).

Visando a formação dos atletas locais, há alguns anos, a CFA instituiu uma normativa que obriga os times a delegarem um mínimo de 10% de sua receita para as categorias de base e criarem equipes sub-19, sub-17 e sub-15. Essas exigências foram severamente criticadas pelos dirigentes dos clubes locais, os quais preferem comprar jovens jogadores a investir em sua formação. Além disso, após o fim do modelo estatal de gestão do futebol chinês, a instabilidade da profissão de jogador e a incerteza quanto ao sucesso profissional são fatores que desestimulam muitos adolescentes a seguirem a carreira (LIANG, 2014).

A despeito da expressiva evolução das equipes chinesas nos últimos anos, a seleção nacional não logrou significativos progressos, uma vez que em 2016, ocupava a modesta sexagésima segunda posição no *ranking* da FIFA (LEITE JÚNIOR e RODRIGUES, 2017). O aumento do número de jogadores estrangeiros nos clubes chineses é um dos motivos que podem justificar tal fato, pois causa a diminuição da quantidade de atletas locais disputando a primeira divisão

nacional (CONNELL, 2018). Em pesquisa realizada por Gong et al. (2015), os espectadores da CSL criticaram vários aspectos do campeonato, como a administração da liga e dos times, as políticas implantadas pela CFA e as ações de *marketing*.

No entanto, algumas mudanças efetivadas pelo governo nacional prometem significativas transformações no cenário futebolístico do país. Com o objetivo de regular os investimentos no futebol chinês e estimular a formação dos atletas locais, foram promulgadas importantes leis em 2017. No ano mencionado, a CFA reduziu de quatro para três a quota de jogadores estrangeiros por time titular e exigiu que cada equipe possuísse no mínimo um jogador com idade igual ou inferior a 23 anos na escalação titular, tanto no início, quanto no final da partida. Já em 2018, todos os participantes da CSL foram obrigados a relacionar o mesmo número de jogadores estrangeiros e chineses com 23 anos de idade ou menos em cada jogo (PIRAUDEAU, 2018; CONNELL, 2018).

Ademais, o Estado chinês instituiu uma lei que determina que os clubes cedam a mesma quantia financeira paga na transferência de algum jogador estrangeiro à CFA, a qual repassará o valor a alguma entidade local de desenvolvimento esportivo. Na prática, o imposto normatizado dobra o custo de cada contratação de jogador estrangeiro concretizada pelas equipes locais. Entre as temporadas 2017 e 2018, tais medidas surtiram efeito, uma vez que houve significativa queda nos valores das contratações efetuadas pelo futebol chinês na última janela de transferências. Além disso, houve aumento na procura por jogadores chineses com idade igual ou inferior a 23 anos (CONNELL, 2018).

Com o intuito de aumentar o número de torcedores e, conseqüentemente, de consumidores de suas mercadorias, as equipes chinesas estão engendrando estratégias para a atração de fãs, como a oferta de passagens rodoviárias e aéreas gratuitas ou com desconto, a promoção do encontro entre a torcida, a direção e o elenco do time, bem como a concessão de ingressos gratuitos para os jogos (LIANG, 2014).

Nos dizeres de Leite Júnior e Rodrigues (2017), o estímulo ao desenvolvimento do futebol chinês é um estratagemma do Estado para intensificar o sentimento de identidade nacional de seus habitantes. Na mesma perspectiva, Connell (2018) advoga que o governo chinês está utilizando o esporte para conseguir prestígio e promover a imagem do país no exterior. Assim sendo, uma vez que os esportes mais populares na China, como o tênis de mesa e o basquetebol, não atraem tantos fãs em escala global, o Estado resolveu investir no futebol, o desporto mais popular do planeta (HUANG e BREWER, 2007; D'AMICO, 2016; CONNELL, 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, a abertura da economia chinesa ao modo de produção capitalista e ao ingresso de corporações transnacionais e multinacionais promoveu o crescimento econômico nacional, ao passo que constitui uma das causas do desenvolvimento de seu futebol. Assim como a China se destaca na esfera econômica internacional pela robusta emissão e recepção de investimentos externos diretos, merecem realce a aplicação de capital de empresas privadas e estrangeiras em seu futebol e os investimentos efetivados pelas multinacionais chinesas no desporto em escala mundial.

Perante as recentes intervenções realizadas pelo Estado no futebol chinês, fica a dúvida se o esporte manterá o crescimento apresentado nos últimos anos ou se as restrições orçamentárias impostas pela nova legislação atenuarão o desenvolvimento do desporto em território nacional. É importante observar se as modificações concretizadas conseguirão melhorar a formação de jogadores no país e conduzir a seleção nacional a um posto de destaque no cenário mundial. Cabe sublinhar, em consonância com Connell (2018), que o desenvolvimento do futebol chinês e a conquista das metas traçadas pelo Estado para o período 2016-2050 constituem sérias ameaças ao eurocentrismo dominante no futebol há décadas.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) e ao Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG) pelo financiamento do projeto de pesquisa intitulado “A Mercantilização do Futebol no Período Contemporâneo: O Caso do Futebol Chinês”, do qual deriva o presente artigo.

REFERÊNCIAS

- AMBROZIO, J. O Estágio Atual do Capital e o Estado de Dívida Civilizacional. *Revista de Geografia – PPGEO - UFJF, Juiz de Fora*, v. 01, n. 01, p. 01-09, 2011.
- ARRIGHI, G. O longo século XX: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo. Tradução: Vera Ribeiro. 5ª Reimpressão. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2006.
- BAPTISTA, T. J. A Participação dos Investimentos Chineses no Processo de Reestruturação do Território Fluminense. *GeoUERJ, Rio de Janeiro*, n. 31, p. 332-355, 2017.
- COMISIÓN ECONÓMICA PARA AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE – CEPAL. La Inversión Extranjera Directa en América Latina y el Caribe. Santiago: CEPAL, 2017.
- CONNELL, J. Globalisation, soft power, and the rise of football in China. *Geographical Research*, v. 56, n. 01, p. 05-15, 2018.
- D’AMICO, M. The Sick Man’s Football Dream: Sport, Fandom, and Consumer Culture in Post-Mao China. Dissertação (Mestrado em Artes/História) – Quebec: Concordia University, 2016.
- GONG, B.; PIFER, N. D.; WANG, J. J.; KIM, M.; QIAN, T. Y.; ZHANG, J. Z. Fan’s attention to, involvement in, and satisfaction with Professional soccer in China. *Social Behavior and Personality*, v. 43, n. 10, p. 1667-1682, 2015.
- GIULIANOTTI, R. The Beijing 2008 olympics: Examining the interrelations of China, globalization, and soft power. *European Review*, v. 23, n. 02, p. 286-296, 2015.
- HARVEY, D. O Neoliberalismo – História e Implicações. São Paulo: Edições Loyola, 2008.
- _____. A Liberdade das Cidades. *GeoUSP – Espaço e Tempo, São Paulo*, n. 26, p. 09-17, 2009.
- _____. O enigma do capital – e as crises do capitalismo. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.
- HUANG, Q.; BREWER, R. M. Improving Communication Effects and Value in Professional Soccer: An Analysis of the Chinese Super League. *International Journal of Sport Communication*, v. 01, n. 01, p. 108-121, 2007.
- JABBOUR, E.; DANTAS, A. The political economy of reforms and the present Chinese Transition. *Brazilian Journal of Political Economy, São Paulo*, v. 37, n. 04, p. 789-807, 2017.
- _____. Sobre a China e o “socialismo de mercado” como uma nova formação econômico-social. *Nova Economia, Belo Horizonte*, v. 30, n. 03, p. 1029-1051, 2020.
- JABBOUR, E.; GABRIELE, A. China: O Socialismo do Século XXI. São Paulo: Boitempo Editorial, 2021.
- JABBOUR, E.; CAPOVILLA, C. Pressupostos dialéticos acerca do socialismo e projeto na China de hoje. *Economia e Sociedade, Campinas*. v. 33, n. 03, p. 01-24, 2024.
- LEITE JÚNIOR, E. F.; RODRIGUES, C. The Chinese Football Development Plan: Soft Power And National Identity. *Holos, Natal*, n. 33, v. 05, p. 114-124, 2017.
- LIANG, Y. The development pattern and a clubs’ perspective on football governance in China. *Soccer & Society*, v. 15, n. 03, p. 430-448, 2014.
- MARX, K. O Capital – Crítica da Economia Política. Volume I. Tomo I. Tradução: Régis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- _____. O Capital – Crítica da Economia Política. Volume I. Tomo II. Tradução: Régis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

- _____. Contribuição à Crítica da Economia Política. Tradução: Florestan Fernandes. 2 ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2008.
- MASCARENHAS, G. À Geografia dos Esportes. Uma Introdução. Scripta Nova – Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, Barcelona, n. 35, 1999.
- _____. Considerações Teórico-Metodológicas Sobre a Difusão do Futebol. Scripta Nova – Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, Barcelona, n. 69, 2000.
- _____. A Adoção do Futebol na Espanha: O Papel das Redes e da Configuração do Território. Scripta Nova – Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, Barcelona, n. 87, 2001.
- _____. Várzeas, Operários e Futebol: Uma Outra Geografia. GEOgraphia, Niterói, v. 04, n. 08, p. 115-129, 2002.
- MIN, G. The Olympic Economy in China: A Study of the Beijing Olympic Games. Tese (Doutorado em Filosofia) – Perth: The University of Western Australia. 2016.
- OLIVEIRA, M. M. Como fazer pesquisa qualitativa. 4 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.
- PIRAUDEAU, B. As migrações dos jogadores brasileiros para o “império do meio” do futebol chinês. Tradução: Luana Penêdo. Confins – Revista Franco-Brasileira de Geografia, n. 35, 2018.
- POMAR, W. A Revolução Chinesa. 1a Reimpressão. São Paulo: Editora da UNESP, 2003.
- _____. O enigma chinês. 2a Edição. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015.
- PRONI, M. W. ; LIBANIO, J. P. M. O futebol brasileiro na Bolsa de Valores? Texto Para Discussão. Campinas: IE/UNICAMP, n. 274, p. 01-34, 2016.
- RIBEIRO, V. L. A Economia Política dos Estados Unidos e da China Pós Crise de 2008: Interdependência Econômica e Relações Interestatais. Geosul, Florianópolis, v. 33, n. 67, p. 11-37, 2018.
- SANTOS, M. Desenvolvimento Econômico e Urbanização em Países Subdesenvolvidos: Os Dois Sistemas de Fluxo da Economia Urbana e suas Implicações Espaciais. Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, n. 53, p. 35-60, 1977.
- _____. O Espaço Dividido – Os Dois Circuitos da Economia Urbana dos Países Subdesenvolvidos. Tradução: Myrna T. Rego Viana. 2 ed. 1ª Reimpressão. São Paulo: Editora da USP, 2008.
- SOCEREX. Football Finance 100 – 2018 Edition. Soccerex, 2018.
- TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais – A Pesquisa Qualitativa em Educação. 4 ed. São Paulo: Editora Atlas, 1995.
- VILAS BOAS, L. G. Geografia e Futebol: O Athletic de Bilbao e a Questão Basca nos Séculos XIX-XXI. Geosaberes, Fortaleza, v. 08, n. 15, p. 81-93, 2017.
- YAMAWAKI, Y. Contribuição dos Jogos Olímpicos para o Legado de Beijing. Mercator, Fortaleza, v. 16, p. 01-18, 2017.